

# Teoria da literatura: instituição apátrida

Heidrun Krieger Olinto

○ artista plástico coreano Nam June Paik, figura emblemática das contradições radicais na cena atual da produção cultural da vídeo-arte, precisou de uma década para realizar um projeto de dimensão grandiosa e de efeito mágico e perturbador. A sua obra de vídeo-arte *Hight Tech Allergy*, exposta pela primeira vez em 1995, na retrospectiva do artista organizada pelo museu de arte de Wolfsburg, não só emprestou brilho especial ao evento, mas marca de forma fascinante uma espécie de *point of no return* para o processo de criação artística e para os hábitos de compreender e apreciar obras de arte contemporâneas em geral.

Uma parede gigantesca de três metros de altura e de dez metros de largura, montada com mais de duzentos aparelhos de televisão ligados, ocupou o salão central do museu, oferecendo-se ao espectador como janela monumental e fantasmagórica para o mundo. Uma visão de simultaneidades velozes – de imagens, cores, movimentos, luzes e sons. Alucinantes. Essa instalação caleidoscópica de seqüências instantâneas de microfragmentos superpostos, substituídos em frações de segundos e imperceptíveis ao olhar atento, fascina pela possibilidade de estimular ao extremo percepções intelectuais e impressões sensoriais, tanto no instante pontual quanto na sucessão prolongada, por mais paradoxal que isso possa parecer. Fenômenos sem contornos, maleáveis, num fluxo cambiante, ganhando vida pela mescla

impressionante de ofertas mediáticas, nomeáveis apenas pelo artifício da interrupção do movimento. Dizíveis, em suma, pelo falso gesto de congelar o ímpeto seqüencial no tempo.

Mas é justamente essa impossibilidade de captar e cristalizar a experiência e, ao mesmo tempo, o desejo de integrá-la numa construção de sentido sem minimizar o seu efeito de inapreensível complexidade que mobiliza o fruidor contemporâneo em sua aflição de compreender.

*High Tech Allergy*, neste conjunto, se presta de modo exemplar para situar o difícil e fascinante circuito comunicativo daqueles que transitam nos espaços de produção, transmissão, recepção e análise crítica dos fenômenos ainda chamados de artísticos. Hoje ninguém sabe de que se trata e, não obstante – ou por causa disso –, se multiplicam escolas, teorias, métodos, hipóteses interessantes e plausíveis (ou não), na ânsia de ofertar quadros, instrumentos e conceitos para cercear algo oscilante que escapa à descrição de valor estável.

No âmbito da teoria da literatura a motivação temática de parte considerável de estudiosos gira em torno da construção de teoremas do múltiplo e do heterogêneo, desalojando o interesse por identidades a favor de diferenças, paradoxias, contingências.

Uma das várias coletâneas publicadas em 1995, de “textos fundamentais para a compreensão sistemática e propedêutica de categorias imprescindíveis para o estudo atual da literatura”, inicia-se com uma afirmação sintomática e contundente dos organizadores. Segundo Fohrmann e Müller, o objeto da ciência da literatura não *existe* simplesmente. Ao contrário, ficou evidente para a disciplina que a sua tarefa básica devia ser o constante processo de redesenhar o(s) campo(s) do(s) objeto(s) de sua reflexão. Uma tarefa de risco que alterna sentimentos de “felicidade e pavor”.<sup>1</sup> A promessa de encanto pela constante inovação reflexiva assusta pelo impossível desenvolvimento de um saber cumulativo, linear. Desde os anos 70, a consciência aguda da falta de confiança em fundamentos está, para uns, associada à insuportável sensação de perda e provisoriedade. Já outros, militantes no cenário dos estudos da literatura, sentem-se estimulados pela oportunidade de infundáveis observações e auto-reflexões acerca das práticas de uma disciplina que, de modo geral, ainda se entende como teoria da literatura, ciência da literatura, *literary criticism*, de acordo com os lugares geográficos, nacionais e culturais de sua atuação.

As dificuldades situam-se, assim, entre o discurso oscilante sobre literatura, os pressupostos epistemológicos, metateóricos, teóricos e metodológicos, e a necessidade simultânea de parar o fluxo e propor classificações, construções de sentido, pelo menos para pequenos momentos de duração. Os novos acentos mostram de modo claro que as alternativas propostas no mercado teórico, ainda que não permitam homogeneização, favorecem o

<sup>1</sup>. FOHRMANN, Jürgen e MÜLLER, Harro, orgs. *Literaturwissenschaft*. Munique, Fink, 1995.

entendimento do fenômeno literário como convenção comunicativa e/ou ação social específica.

A multiplicidade das questões sugeridas desafia práticas tradicionais a partir do instante em que o comportamento sensocomunal da disciplina se afasta da idéia de que o seu campo possa ser definido exclusivamente a partir de objetos precisos ou propriedades substanciais. Segundo os autores citados – e não só eles – o universo da teoria da literatura, transferido para a unidade fundante texto-contexto, torna-se especialmente desafiante quando ensaia definições de fronteira entre arquivos próprios e alheios. Construções de sentido dependem dessas opções momentâneas cristalizadas por convenções consensuais que esboçam possíveis limites (Fohrmann e Müller, 9).

Enquanto teóricos, estamos à procura de teorias – uma superteoria? – que saiba lidar com soluções efêmeras e de alta complexidade e que saiba circular com desenvoltura entre o campo de categorias arquivadas e o espaço de processos móveis, inacabados. Nada fácil. A contracapa da coletânea permite uma antevisão do que está por vir. As já mencionadas “categorias indispensáveis para o estudo da literatura” apontam sintonias com teorias sistêmicas, desconstrutivistas e pós-estruturalistas, apropriando-se de conceitos e termos do campo da comunicação, da evolução de sistemas artísticos, da mídia; menciona questões relativas à função autoral, diferença, forma e retórica, seleção e processo, auto-referência, metalinguagem, psicanálise, *gender*, observação de segunda ordem e ética.

O que esperar de tudo isso?

Outro exemplo, uma coletânea também publicada no ano passado, ilustra uma situação dramática semelhante. *Einführung in die Literaturwissenschaft (Introdução à teoria da literatura)*, organizada a quatro mãos, dedica-se, no prefácio, à demarcação de possíveis fronteiras para literatura, ciência e teoria. Nas páginas iniciais, lêem-se afirmações como estas: ciências são determinadas pelo seu objeto e pelas técnicas de adquirir e transmitir conhecimento sobre ele. Além disso, são determinadas pela sua função social e por seu lugar institucional; no caso da ciência da literatura, em instituições como universidades, além de editoras, revistas especializadas e bibliotecas, sem esquecer dos seminários e congressos. Mas o que será o seu objeto? Dele fazem parte apenas as belas letras ou também as letras triviais? Apenas literatura ficcional ou também literatura específica? Seu campo de interesse abrange só os textos clássicos ou os mais recentes? E o que dizer sobre meios como o teatro, cinema, televisão e vídeo? Ou, colocando o problema em nível diferente: para que serve tudo aquilo que se ensina e aprende a respeito? Será que uma prática cultural (em fase de extinção?) encontra nesse espaço a sua última reserva? Será que um pensamento crítico oferece indispensáveis motivações para a reflexão, ou será que as tecnologias da sociedade informatizada e voltada para o lazer se preparam para ocupar o seu lugar?<sup>2</sup>

<sup>2</sup>. PECHLIVANOS, Miltos, RIEGER, Steffen, STRACK e WEITZ, Michael. *Einführung in die Literaturwissenschaft*. Weimar: Metzler, 1995.

Uma mescla de indagações – esboços de esclarecimentos que confundem. Problemas que, em sua maior parte, tocam questões de debate constante na esfera da cultura.

Nos anos 70, ainda era possível que um manual de teoria da literatura em forma de antologia, como *Issues in Contemporary Literary Criticism*,<sup>3</sup> se auto-apresentasse, em seu prefácio, como “an introduction... designed to help the student become aware of what is at stake in a critical discussion, of what issues are in play, so that he may better be able to engage in that process of collaboration which, as several critics included here affirms, is singular to the activity of literary criticism” (pp. vii). Duas décadas depois, essa mesma expectativa não fundamenta o horizonte dos que militam profissionalmente nos campos dos estudos literários.

O livro *Comparative Literature in the Age of Multiculturalism*, editado em 1995 por Charles Bernheimer,<sup>4</sup> e idealizado como relatório encomendado pela *American Comparative Literature Association* para situar a disciplina Literatura Comparada nos anos 50, 60 e 70, oferece uma antevisão da cartografia atual a partir do próprio e sugestivo título. Enquanto os relatórios anteriores creditavam o conceito de literatura comparada na era pós-guerra a uma nova perspectiva internacionalista que abrangia contextos mais amplos tanto na articulação de motivos, temas e tipos, quanto na compreensão de gêneros e modos (pp. 39), na verdade, segundo Bernheimer, a ótica ampliada não ia além da Europa e da linhagem da alta cultura européia. Neste sentido, o estudo comparado da literatura tendia a fortalecer uma identificação entre estados-nação e comunidades imaginadas em função de identidades nacionais e lingüísticas. Essa noção de literatura comparada, de vocação tradicionalmente internacionalista, sustenta paradoxalmente o domínio de algumas – poucas – literaturas nacionais européias. É a Europa vista como lar de originais canônicos e as “outras culturas” ocupando territórios periféricos. Uma segunda e deliciosa ambigüidade, detectada por Bernheimer, revela-se na conduta cautelosa “we must be alert!” (pp. 40), face ao crescimento de programas interdisciplinares. Se, por um lado, esse desenvolvimento é bem-vindo, por outro, teme-se o excesso. “The crossing of disciplines involve a relaxing of discipline” (pp. 40). Na avaliação de Bernheimer, esses estudos se deitaram em berço contraditório. “Just as comparative literature serves to define national entities even as it puts them in relation to one another, so may also serve to reinforce disciplinary boundaries even as it transgresses them” (pp. 41).

Uma terceira ameaça aos valores fundantes da literatura comparada foi sentida na transformação progressiva dos Departamentos de Literatura Comparada – e dos Departamentos de Inglês e de Francês em geral – em arenas para o estudo “of (literary) theory”. O tom ansioso que transparece no relatório de 1975 sinaliza simultaneamente a reação assustada e uma evidência:

3. POLLETTA, Gregory T., org. *Issues in Contemporary Literary Criticism*. Boston: Little Brown and Company, 1973.

4. BERNHEIMER, Charles. *Comparative Literature in the Age of Multiculturalism*. Baltimore: Johns Hopkins UP, 1995.

“the field was coming to look disturbingly foreign for some of its eminent authorities” (41). Numa retrospectiva de hoje, esses horizontes ampliados se tornaram quase imperceptíveis e ingênuos os perigos entrevistados.

Para o relatório dos anos 90, um empreendimento “exciting and instructive”, foram escolhidos “top scholars” variados de diversas instituições, cujos interesses e campos de pesquisa abrangiam desde teoria e estudos literários do século XIX, crítica feminista com ênfase em narrativa e genealogia do renascimento a partir da ótica do feminismo e dos estudos culturais, *black studies* e teoria crítica, estudos étnicos e literatura americana nativa, história intelectual e literária, literatura latino-americana, literatura medieval com ênfase em iconografia e música, até questões referentes a colonialismo e pós-colonialismo (pp. ix). O objetivo declarado: levantar controvérsias e não tentar encontrar “a comfortable middle ground” neste processo de auto-análise da disciplina em busca de uma identidade “at the end of the century” (pp. x). Se o resultado final oferecia um painel de diferenças, pelo menos havia um consenso surpreendente quanto às direções a serem escolhidas pela disciplina.

Uma análise do perfil do estudioso no espaço das letras revela, no mínimo, uma conduta repleta de ansiedades. As suas leituras privilegiadas situam-se hoje, provavelmente, no campo da sociologia, antropologia, psicanálise, história e filosofia e os debates mais incandescentes travam-se em torno de questões teóricas e não de textos literários. A própria identidade da literatura como objeto de estudo virou um problema e se transformou em questão política. Quando, em 1969, aconselhava-se aos estudantes de Harvard que substituíssem a bíblia de seus estudos literários, até então o livro *Theory of Literature*, de Warren e Welleck, pela leitura de Nietzsche, Freud e Marx, iniciava-se, nos Departamentos de Letras, nos Estados Unidos, um processo responsável pela mudança dos estudos retóricos, intrínsecos da literatura, para a investigação de sua situação contextualizada, seja do ponto de vista psicológico, histórico ou social. Desde então, não pára de crescer um repertório de questões relativas às relações entre literatura e experiência, estética e ideologia, *gender* e poder. Um conjunto de discursos variáveis sobre diferenciação social e interação conflitante e sobre a inserção de formas literárias em histórias coletivas e estruturas ideológicas contribuiu, entre outros, para o desenvolvimento de uma nova área – a de estudos coloniais e pós-coloniais.

No presente momento, o campo se apresenta tão fragmentado numa multiplicidade de perspectivas teóricas diversas que o termo “contextualização” se transformou em senha para os discursos mais influentes sobre literatura. “History, culture, politics, location, gender, sexual orientation, class, race – a reading in the new mode has to try to take as many of these factors as possible into account” (pp. 8). A política atual do multiculturalismo,

pleiteando uma revisão do cânone em vista do reconhecimento de grupos culturais marginalizados e de tradições expressivas e da inclusão tanto de culturas étnicas minoritárias quanto de culturas não ocidentais de um modo geral, supõe, ainda, a construção de cânones não apenas representativos da cultura europeia elevada, mas igualmente da diversidade de produções literárias “throughout the world” (pp. 8).

Essas questões, em seu conjunto, demandam posturas atentas e flexíveis do observador num cenário de extrema contextualização e globalização por um lado e, por outro, num espaço que estimula a curiosidade pelo miúdo. Em todo o caso, a situação favorece um pensamento dinâmico cosmopolita, transcultural. Um conselho de Bernheimer: “we don’t need to be experts in everything we teach, as long as we don’t pretend to be and our effort to understand is in good faith. But neither should we act as tourists, having read a few guidebooks to faraway places” (pp. 13). Em tese, é uma afirmação sem dúvida aceitável; na prática, contudo, seria viável? Pessoalmente creio que o estudioso da literatura tropeça hoje feito bêbado numa paisagem vulnerável, sem horizonte à vista, a mochila carregada de boa fé e má consciência.

A disciplina, representada hoje por uma comunidade científica de tamanho incalculável, inventa e redistribui em caráter permanente os nós da imensa rede-cenário onde perambulam os seus membros, em trânsito. Uma parte da desordem gigantesca da casa se auto-expressa de modo palpável na forma, na organização e no estilo privilegiados dos manuais de teoria da literatura, que se transformaram, cada vez mais, em coletâneas de ensaios de autoria e temática múltiplas. Trata-se de produtos que sinalizam previa e simultaneamente o descompromisso com filiações duradouras, atestando a substituição da voz autoral particular pelo consenso/dissenso de subgrupos de uma comunidade sem identidade.

Por outro lado, circulam exemplos de autoria explícita e assumida sem que o discurso teórico se tornasse menos apátrida e sem que perdesse a sua feição de “shifty or sloppy eclectism”, como diria Jonathan Culler ao tentar caracterizar o “normal criticism” atual, indefinível por paradigmas precisos e fora da matriz disciplinar.<sup>5</sup>

Dois exemplos podem ilustrar essa situação. O primeiro refere-se a Italo Calvino, que estava preparando seis conferências, a convite da universidade de Harvard, para o ano letivo de 1985-86. O título em inglês dado por ele ao ciclo de palestras era *Six memos for the next millennium*. As palestras nunca chegaram a acontecer; Calvino morreu antes e a última sequer foi escrita.

Feitas de divagações, memórias, trechos autobiográficos, essas conferências tematizam a crise contemporânea aguda da linguagem e identificam as qualidades que orientam as atividades dos escritores e da literatura pela leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade, consistência. Em uma perspectiva superficial, são vistas como precioso legado do milênio do livro

<sup>5</sup> CULLER, Jonathan. Criticism and its Institutions: the American University. In: ATTRIDGE, D. et al. *Post-Structuralism and the Question of History*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1987, p. 82-98.

6. CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

para a geração do ano 2000. Assim pelo menos o querem orelha e contracapa que apresentam o livrinho de cento e poucas páginas como testamento artístico de um dos protagonistas literários desse fim de milênio.<sup>6</sup> Sendo o primeiro escritor italiano a ser convidado a participar desse ciclo tradicional, Calvino preparou-se para a tarefa com a responsabilidade especial de representar uma tradição literária de séculos. Assim, a primeira das seis – ou melhor, cinco – propostas, com o título de “Leveza”, baliza-se em figuras consagradas da filosofia, da ciência e da literatura, fazendo desfilar, desordenadamente, em vinte e seis páginas, nomes tais como Ovídio, Lucrecio, Kundera, Boccaccio, Cavalcanti, Dante, Emily Dickinson, Henry James, Shakespeare, Cervantes, Rabelais, Cyrano de Bergerac, Jonathan Swift, Newton, Giordano Bruno, Luciano de Samósata, Ludovico Ariosto, Leopardi, Galileu, Voltaire, Leibniz, Pitágoras. A conferência explora caminhos novíssimos ou antigos, estilos e formas no universo infinito da literatura, articula o imaginário da literatura com diferentes ramos da ciência, destacando mensagens do ADN, impulsos neurônicos, *quanta*, neutrinos e informática, fazendo com que realidades físicas coexistam ao lado de fábulas mitológicas. Desliza para terrenos da antropologia e da etnologia, incluindo mulheres, bruxas e a Santa Inquisição. Aponta, ainda, a *Morfologia do conto* de Propp e oferece o resumo de uma história curta de Kafka, *O cavaleiro da cuba*.

Matéria misturada confusamente ao sabor do acaso, como o próprio Calvino classifica o conteúdo de *Voyage dans la lune*, de Bergerac:

*Há demasiados fios intrincando-se em um discurso? Qual deles devo puxar para ter em mãos a conclusão? Há o fio que enlaça a lua, Leopardi, Newton, a gravitação universal e a levitação.... Há o fio de Lucrecio, o atomismo, a filosofia do amor de Cavalcanti, a magia do Renascimento, Cyrano... E há o fio da escrita como metáfora da substância pulverulenta do mundo (1990: 38 e 39).*

7. Eco, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

O segundo exemplo diz respeito a *Seis passeios pelos bosques da ficção* de Umberto Eco (1994),<sup>7</sup> outro conferencista convidado por Harvard. Se dermos crédito à orelha do livro, ainda que sem assinatura, trata-se de um pensador “inteligente” do mundo contemporâneo, examinando-o de diversos ângulos com incrível mobilidade de pensamento. Um pensador capaz de retroceder até às origens da narrativa ocidental para, em seguida, comentar o uso do tempo num filme pornográfico ou a maneira como o consumo de Coca-Cola afeta nossos hábitos de ler e pensar.

Com uma erudição repleta de humor, Eco discorre sobre modos de recepção nos contos de fada, nos romances policiais, nos noticiários de jornais, em cartas de leitores, na literatura dos séculos XIX e XX, com o fascínio de quem está contando uma história. Pensador original, em busca de parâmetros coerentes para dimensionar o mundo, ele sabe, também, estimular o interesse do grande público, casando a rigorosa formação acadêmica com

a experiência de romancista. O autor consegue traduzir questões “delicadas” em termos que nos tocam diretamente, transformando-nos em viajantes pelos caminhos do bosque da ficção. A metáfora do bosque para o texto narrativo coloca em destaque o papel do leitor e do teórico profissionais, compelidos a tomar atitudes perante opções infundáveis, numa alusão direta ao “Jardim dos caminhos que se bifurcam” de Borges.

Nas vinte e cinco páginas do primeiro capítulo. “Entrando no bosque” (1994: 7-31), tropeçamos novamente na parada descontrolada de nomes e assuntos ligados à linguagem e à literatura que alinham – em torno da figura do leitor e do processo de leitura – E.A.Poe, Julio Verne, Lawrence Sterne, Carolina Invernizio, Kant, Jane Austen, Fernando Pessoa, Dostoiévski, Salinger, Nerval, Swift, Wittgenstein, Joyce, Iser, Calvino, Melville, Agatha Christie, Georges Poulet, Homero, Perrault, Grimm, Shakespeare, Flaubert, Eliot, Wayne Booth, Barthes, Todorov, E.D. Hirsch, Riffaterre, Genette, Foucault, Chatman, Fillmore, Pagliatti.

Ainda que Eco admita que o formato preciso do repertório do saber solicitado pela leitura de um texto permaneça no campo da conjectura, ele próprio, não há dúvida, aprecia o leitor de “competência enciclopédica” máxima (pp. 120). Ou seja, o profissional da academia, de quem se cobra uma cultura de dois milênios de tradição ocidental. Esse estudioso institucional não se permite encontros desarmados.

As perguntas que se impõem, em função dos exemplos dados, podem ser formuladas da seguinte forma: afinal, que produtores e consumidores são esses, que se comportam com tamanha voracidade e obsessão? Que compulsão é essa, que obriga a desfraldar no espaço exíguo de poucas páginas uma cultura de dois milênios de tradição, sequer compreensível, nessa forma compactada, para os próprios companheiros acadêmicos – ainda que esse fato permaneça na esfera dos segredos inconfessáveis entre pares? Diga-se de passagem, parceiros que militam, como se supõe, em campos de interesse pelo menos parcialmente comuns.

O mais escandaloso, nessa situação, é que esses livrinhos se transformaram em citação quase obrigatória para estudantes e profissionais de letras, fascinados com as sínteses ofertadas por belas figuras metafóricas e pelas paisagens exóticas que circulam nessas páginas, em que o encanto se estende à leitura da miscelânea de nomes e textos velozmente citados.

Em outras palavras, as nossas práticas intelectuais aproximam-se perigosamente dos hábitos de turistas apressados, referidos por Bernheimer como “having read a few guidebooks to faraway places”, em busca de pequenos *souvenirs* palpáveis e, ao mesmo tempo, suficientemente curiosos e em moda, para merecer um olhar fortuito quando passam a coabitar as nossas estantes, ao lado de livros nunca lidos porque disponíveis na forma sintética de dois, três parágrafos em nossos “guias turísticos”, repletos de citações obliquas.

Por outro lado, o que fazer? O que fazer, quando, diante do número cada vez maior de opções, desaparece no horizonte das possibilidades do intelectual a faculdade de julgar, de situar-se no equilíbrio justo entre o excesso de dados e o desejo por algum tipo de racionalização?

Volto a afirmar, portanto, que o profissional da área de letras não se pode permitir encontros desarmados. A sua investigação requer compromissos com a elaboração de sistemas categoriais e demanda, ainda, um grau elevado de conhecimentos arquivados de forma ordenada e hierárquica, articulados em sistemas conceituais coerentes. Esse acadêmico que transita no espaço da curiosidade científica aproxima-se do seu objeto de estudo acompanhado por determinada competência, avalizada pelos pares em função da dimensão do seu repertório de conhecimentos arquivados, tanto em relação a textos ficcionais quanto em relação a textos teóricos e textos acerca de textos literários. Neste sentido, o leitor especializado – distinto do amador que passeia pela literatura de modo distraído – enxerga na paisagem da ficção vizinhos intelectuais, preferências filosóficas, escolas, querelas estéticas, paixões políticas. Ele homenageia com a escolha a sua própria curiosidade profissional de querer conhecer técnicas narrativas singulares, propostas temáticas inovadoras, a inserção do livro na produção conjunta de uma autor, ou na tradição vigente.

O especialista produz comentários sobre textos literários, em outras palavras, cria o texto *variorum*. Todos os textos são percebidos na companhia de outros, incontáveis. Nesta ótica, o romance do século XVIII não se entende como sistema que produzia romances escritos no espaço daquele século, mas como objeto *variorum*, como megatexto que abrange tanto os romances daquele período, quanto os comentários produzidos a partir de então. No caso dos clássicos o cenário abrange séculos de explicações, análises e controvérsias críticas e teóricas que, de algum modo, são cobrados e validam, ou não, a competência do crítico e do teórico que milita na esfera institucional do profissional acadêmico.

Esse cenário não tem transparência para o leigo. Não faz parte de suas expectativas aprofundar o conhecimento de trabalhos críticos clássicos sobre Shakespeare, por exemplo, tais como explicações sobre alusões bíblicas, análises das condições de produção e recepção das obras, dos gêneros e estilos e conceitos de época; análises que nos últimos anos ofereceram perspectivas novas sobre suas peças; os diferentes instrumentos metodológicos usados; manuais, monografias sobre direito, medicina e botânica; obras de historiografia, livros sobre precursores e contemporâneos de Shakespeare, tratados sobre a estrutura de seu teatro, biografias; o conhecimento dos próprios textos em diferentes edições, formatos e combinações, com ou sem comentários, prefácios, introduções, apêndices, posfácios. Em resumo: “material para satisfazer a gulodice de uma vida inteira”.<sup>8</sup>

<sup>8</sup>. ROBERTS, T. J. *An Aesthetics of Junk Fiction*. Athens: Georgia U.P., 1990.

Esse hipertexto composto por, virtualmente, tudo que se escreveu e se escreve “acerca” de Shakespeare e a sua obra permanece invisível ao olhar amador. Quando este, por exemplo, conversa com um especialista sobre King Lear, os dois falam, certamente, de textos diferentes. Para o acadêmico o texto “palimpsesto”, um caleidoscópio de todas as variantes da peça, incluída a cadeia interminável de enunciados seculares sobre ela pelos mais considerados – e até obscuros – comentaristas, pode transformar-se em deleite que supera, talvez, o interesse pela leitura da própria peça teatral.

Não deveria espantar, então, que, segundo levantamento estatístico, estudiosos americanos de literatura inglesa publicaram, em um ano, 544 trabalhos sobre Shakespeare.<sup>9</sup> Mas espanta! Ainda que, certamente, não seja suficiente para saciar o apetite do crítico e do teórico. Se articularmos essa informação com um dos anuários das atividades profissionais na área dos estudos literários, publicados regularmente pela *Modern Language Association*, teremos uma idéia do tamanho e da complexidade desse campo. O relatório assinala, em cinco volumes, quase três mil ítems diferentes, distribuídos entre notas, edições, artigos, coletâneas, monografias e livros, reconhecendo, em ordem alfabética, a vigência das seguintes abordagens teóricas da literatura: estruturalista, feminista, filosófica, hermenêutica, lingüística, marxista, narrativista, neo-historicista, pós-estruturalista, pós-modernista, pragmática, psicanalítica, psicológica, *reader-response criticism*, recepcional, retórica, semiótica e sociológica (Roberts, 1990: 235).

Consensual ou não, essa profusão de etiquetas, supostamente compondo a cartografia atual dos estudos de literatura, perturba. Ao menos o leigo. O especialista, em estado de graça, delira. Será?

Gostaria de acreditar que não. Se por um lado este novo espaço multiopcional mobiliza o teórico institucional para travessias interdisciplinares e transdisciplinares, por outro, não só o próprio objeto de estudo mas, igualmente, o campo da sua investigação tornou-se opaco. Ele não sabe mapear e arquivar a hiperabundância de ofertas e torná-las disponíveis para uma atuação eficaz.

A questão pode então ser formulada mais ou menos da seguinte forma: como esse profissional das letras se comporta – e deveria, ou poderia se comportar – no cenário da nossa cultura mosaica diante da informação em excesso e da sua própria falta de tempo, da incapacidade de assimilação e construção de sentido, de algum modo, compreensível? A pergunta refere-se tanto ao produtor quanto ao leitor teórico dessa cultura e à sua circulação num espaço profissional particular: a academia. Será que ainda existe alguma possibilidade, algum compromisso ou sequer desejo de querer transformar essa produção cultural em conhecimento arquivável e disponível em nossa memória, quando solicitada, conferindo-lhe deste modo alguma utilidade?

<sup>9</sup>. RESCHER, N. The State of Northamerican Philosophy Today. *Review of Methaphysics*. 46, Jun., 1993.

Se ainda acrescentarmos às tendências interdisciplinares a internacionalização e globalização quase total dos bens culturais, estaremos diante de uma situação de intransparência radical. Portanto, a questão urgente que se impõe para o intelectual – e, de modo geral, para o produtor, leitor e teórico desse repertório cultural enciclopédico – será a seguinte: que tipo de socialização e profissionalização seria necessário para permitir o equilíbrio entre desdenhado generalismo e desprezível minimalismo, ou dito de outro modo, para evitar o ridículo entre os extremos de saber nada sobre tudo ou conhecer tudo sobre nada?

É nesse ponto e nesse momento de hipercomplexidades extremas que se deveriam atualizar as discussões sobre os estudos da literatura, procedendo-se a uma reflexão renovada sobre as relações entre escrita, leitura, teoria e práticas de vida.

